

# Mulheres negras e Vivências Atuais

Catarina Costa de Souza

*Mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Doutorado em andamento pela Escola Superior de Desenho Industrial na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Esdi/UERJ).*

Boa noite a todas, todos e todes. Muito obrigada por esse convite, Marina e Carol. É um prazer estar aqui falando, dialogando com vocês.

Quando Carol me convidou, eu aceitei na hora, mas eu não sabia o que era. Porque a pessoa estudante é assim, né? Depois eu me peguei com o que eu ia falar sobre "mundos por vir", que eu nem acredito, nem sou tão romântica assim... Nem tenho tanta esperança assim nesse futuro, né, gente? Já fiz alguns debates sobre isso. Eu, não sou. E aí eu tive que trazer números para entender porque eu não sou, né?

Mas, minha cabeça trouxe essa problematização que eu faço agora, essa discussão que eu proponho é um pouco também sim da minha pesquisa. Como a Fabi me apresentou, a minha pesquisa é sobre mulheres negras na pós-graduação em design no Brasil. E, falo um pouco, trago essa discussão sobre mulheres negras. Como o colega apresentou, o que ele fala de mulheres. A minha pesquisa, se propôs a dar voz pras mulheres que estudam. Voz da academia de design. Algumas pessoas aqui já acompanharam alguns dos estudos que publiquei. É uma pesquisa difícil ouvir a fala dessas mulheres. Os relatos são incríveis. Incríveis, que eu quero dizer, é que não são bons. São, assim, alguns relatos bem pesados. É... Mas eu acho que a gente tem que, como o Matheus Ribs falou, alguns assuntos a gente tem que colocar no centro, não é? Tem que trazer da margem pro centro. Tem que fazer discussão. Tem que pisar no calo. Dizer, olha, está aqui, é isso aqui que tem que se mostrar. É isso aqui a realidade.

Não era falado, não era discutido. Com o professor Ricardo [Artur P. Carvalho] também, a gente discute a questão da entrada de pessoas negras. Porque é isso, né? A academia, ela é... Aí você

(apontando para a Bibiana Serpa) pergunta o que o design não adota alguns símbolos. Porque o design não quer adotar. Não quer discutir, não quer falar, não quer adotar periferias. E é isso. Tá?

[Fabiana Duffrayer: E essa é a introdução!]

É o que é design, né, gente? É elitista, é classista, enfim. Academia, é classista. E aí, sobre as mulheres negras. Ao longo da diáspora africana, as mulheres negras. Faço uma breve introdução aqui que é... Não vou me alongar nesse momento. Trago dados

mais atuais. Mas as mulheres negras, ao longo de todo esse período da diáspora, desde antes de 1500, mas no Brasil, a partir da colonização, as mulheres negras sofrem várias formas de opressão e de violência, mais ainda dos seus companheiros homens. Elas eram obrigadas a trabalhar no campo, eram obrigadas a trabalhar nas casas, como domésticas, como mucamas... Domésticas não, como... Escravas de casa mesmo, não era nem o termo doméstica. E sofriam os mesmos castigos violentos e ainda sofriam o castigo da violência sexual em função de seu gênero. E tá, aí é o que ele falou do mapa genético, da formação do Brasil, e é isso aí que a gente tem Muita coisa desse mapa genético conta. E o que a gente sempre falou que a nossa mestiçagem, ela é a partir da violência contra as mulheres negras e mulheres indígenas, não é? E... Mas também foram mulheres negras nos primeiros momentos, nos primeiros e constantes momentos de resistência desde a época da colonização. Por serem as pessoas que estavam na casa grande e em contato com as pessoas na casa grande e na senzala. Elas aprenderam o idioma, aprenderam a transmitir os conhecimentos, criaram as crianças dos senhores de escravos. Eram quem realmente tomavam conta das crianças, certo? E ajudavam seus companheiros homens escravizados a fugir, a resistir e a delimitar o campo em que aconteceria a luta, tanto a luta armada quanto a resistência de não sucumbirem ao pensamento escravizado.

Alguns dados de 2024, por exemplo, o Mapa Brasileiro de Segurança Pública constata que, dos feminicídios que ocorreram no Brasil, 63,6% são mulheres negras. Em 2023, no campo das ciências biológicas e ciências exatas, apenas 2,5% dos professores dos cursos de pós-graduação no Brasil eram mulheres negras, enquanto a maioria continua sendo os homens brancos. Enfim.

Nas agências de publicidade, as mulheres constituem a maioria dos funcionários correspondendo a 57%. Entre elas, só 21% são mulheres negras. Já no fator etnia, 68% são pessoas brancas. Entre os 30% de pessoas negras, só 21% são mulheres negras. E nos dados sobre lideranças constituídos pelos cargos de gerência acima, são autodeclarados brancos 88%. E apenas 10,3% são pessoas negras. E entre estes, só 4,6% são mulheres negras.

E os dados ainda da demografia dos presidentes das agências, 85% são homens, 15% são mulheres, 92% se autodeclararam brancos, 8% negros. E entre os pretos e pardos, 0% são mulheres negras. E aí, assim, de história, o Brasil foi o último país das Américas a abolir legalmente a escravização. A gente sabe que essa aí é a grande falácia da nossa história, uma das grandes faláncias da nossa história, mas talvez a principal.

Se aboliu oficialmente, a história lá do conto de fadas da princesa. Mas se criam dificuldades para essas pessoas que saíram da escravização, das suas moradias que eram nas senzalas. Como todo mundo sabe, não se teve políticas públicas para a introdução dessas pessoas na sociedade, não se teve reparação trabalhista, pior ainda, de jeito nenhum, certo? Foram jogadas à sorte, a gente sabe pela história que pessoas voltaram para as senzalas porque era a única casa que elas e suas gerações conheciam enquanto casa, como forma de viver e trabalhar.

E muito pelo contrário, foram criadas leis que dificultavam o acesso dessas pessoas à cidadania. Como a lei da vadiagem, que as pessoas não poderiam só simplesmente estar andando sem documentos porque eles estavam vadiando e estavam na rua porque não tinham emprego, não tinham comida e não tinham para onde ir e isso caracterizava que as pessoas estavam vadiando na rua. A lei de cotas, que hoje a gente debate, as cotas, as primeiras cotas não eram para pessoas negras, mas eram para os filhos dos ricos imigrantes que chegavam aqui. E isso para excluir que pessoas negras ganhassem terra depois, para sobreviver. As periferias das cidades, as grandes periferias, as favelas, foram formadas por pessoas que saíram dessa escravização e se formaram como periferia da cidade e então a gente tem um grande contingente dessas pessoas escravizadas negras hoje ainda, os seus descendentes nas favelas. As favelas foram formadas por pessoas negras por causa disso, se não se incentivou, se você não dá civilidade e se você não dá condição dessa pessoa a ser introduzida na sociedade, enquanto se entende por sociedade, né, se dificulta a criação de uma classe média branca e muito pelo contrário, o Estado brasileiro financia a vinda de pessoas europeias pro Brasil, se cria uma classe média branca, por mais que as pessoas que viessem fossem pessoas pobres, mas tinham muito mais condições de viver que as pessoas escravizadas,

porque já conheciam o sistema capitalista. Essas pessoas que vinham da Europa do que as pessoas que moravam aqui sem condições, escravizadas, aquelas condições sub-humanas, né. E, principalmente, se produziu também leis que dificultavam o acesso, principalmente, dificultavam o acesso dessas pessoas à escolaridade.

Teve uma lei que fala que negros e leprosos não poderiam acessar as escolas. A equiparação com pessoas doentes, o termo ruim que se dava aos leprosos, que a gente não usa mais, mas isso colocava o negro na mesma condição, eram pessoas que não poderiam acessar as escolas. E aí, Abdias do Nascimento, fala que o nosso sistema educacional, que é pautado na Europa e nos Estados Unidos é um sistema, é um aparato de controle racista porque não incentiva o conhecimento da cultura das pessoas negras, da cultura negra, por mais que a gente saiba o que a gente come, que a gente fala palavras que vieram, comidas que vieram com as pessoas escravizadas, mas, nas escolas, esse aprendizado é negado, por mais que a gente tenha a lei, que é lei e que não é aplicada, certo? Mas Abdias do Nascimento diz que não incentivar esse conhecimento da cultura negra, da cultura de pessoas africanas, da cultura dos povos que vieram pra cá escravizados e que fazem parte da maioria da população e que fazem parte de grande capital cultural que nós temos é um aparelho de controle racista. É dizer que isso não faz parte da nossa característica brasileira, certo? É não ensinar as crianças o quanto nós temos cultura africana e o quanto nós temos dos tais dos mitos gregos que a gente aprende e não aprende outros que fazem parte da nossa origem africana.

Sueli Carneiro também fala que controlar esse acesso à educação é um dispositivo de racialidade. Ter acesso à educação é uma forma de ascensão social e que as pessoas sabem disso. Então, ter formas de bloquear com que as pessoas não acessem - pessoas negras, nem os descendentes escravizados de pessoas negras - não acessem a educação, é um dispositivo de racialidade. É uma forma de fazer com que as pessoas não melhorem, se graduem, se qualifiquem, melhorem de vida. E hoje a gente está vendo o discurso, de que as pessoas não deveriam fazer universidade porque é perder tempo. É toda essa construção, não é? Fazer faculdade é perda tempo, não leva a nada, não acrescenta nada à sua vida, mas a gente sabe que em algumas universidades, os filhos

dos ricos continuam estudando muito, estudando assuntos que dizem que a gente não tem mais que discutir como sociologia, filosofia, mas eles estão aprendendo. E aí, para o pobre, o discurso é: não, vai trabalhar, não vai perder seu tempo, cinco anos, quatro anos em uma faculdade. Isso são dispositivos.

[Ricardo: Jogo do tigrinho.]

Catarina: Jogo do tigrinho, é isso. Vai perder tempo. Imbecilizar as pessoas, para elas não procurarem qualificação e a discussão, não é? O que eu acho que é um grande ganho, que aí eu coloco, pessoalmente, eu acho que o grande ganho da universidade é formar cidadão, né? Colocar as discussões sociais em pauta, certo? E a Sueli Carneiro já defendia que as formas, as dificuldades de barrar pessoas de ingressarem no ensino formal, é um dispositivo de racialidade.

E ainda, eu faço o apontamento da universidade. A gente luta pelo fim do vestibular, pelo tal dos processos seletivos, pelas provas de língua estrangeira. É um grande empecilho, porque a gente sabe quem é que fala duas línguas, três línguas nesse país, certo? Então, são formas que ainda, por mais que estejam sendo revistas, por mais que tenham, de alguma forma, já democratizado, mas ainda existem, para uma grande parte da população.

E, também trago Sueli Carneiro, que fala sobre essa questão da mulher negra. Quem se entende, enquanto mulher negra, se entende quem sofre essa tripla opressão, por raça, por classe, por gênero. As mulheres negras, elas sofrem a questão da opressão machista, mas elas também são as que mais sofrem as consequências de uma sociedade economicamente desigual e também as consequências do racismo. E, o machismo tem também uma acusação aqui que eu coloco dos próprios companheiros homens negros. A Sueli Carneiro fala que, quando a gente tem essa percepção do que é ser mulher negra sofrendo as consequências da opressão por raça, classe e gênero, a gente resulta em tripla militância. Entender que não dá para melhorar, mudar o rumo, a história, a vida, combatendo apenas uma dessas questões. Se você não entender a interseccionalidade entre elas e fazer uma luta que melhore a vida das pessoas, de mulheres negras especificamente que eu falo, com relação às desigualdades sociais, ao combate ao

machismo, ao combate à misoginia, ao combate ao racismo, nada avança. Não é uma luta que vai se conseguir pautando pontos específicos. Se não forem pautados todos os momentos de forma igualitária ou de forma conjunta, a luta vai ficar deficitária em algum momento, em algum ponto. Em algum ponto, essa opressão volta a nos abater. A Lélia Gonzalez descreve que uma das formas de opressão utilizadas pelas classes dominantes, pelas pessoas brancas, é atribuir os termos negativos, a negatividade aos termos que se referem às pessoas negras e fazem relação às sua estética negra.

Que se dizia que o negro, não, que se disse, semana retrasada, semana passada, nós vimos o centenário de Malcolm X que já falava exatamente isso também, quem nos ensinou que o seu tom de pele, a textura do seu cabelo, o desenho do seu nariz é feio? Quem foi que nos ensinou isso, certo? E a Lélia Gonzalez, ela também traz isso, que o que era negro, que o termo negro era atribuído a coisas feias, sujas e não aceitas. Nos Estados Unidos, em 1960, com o movimento civil, o movimento *Black is Beautiful*, faz com que as pessoas negras incorporem a sua estética como algo positivo, algo bom, e trazendo o orgulho de ser negro. No Brasil, na década de 1970, o bloco afro Ilê Aiyê em Salvador também faz esse movimento de trazer a estética negra como sendo algo de orgulho, de valorização da sua identidade.

Para isso, só falando, alguns exemplos que eu trouxe aqui da moda, a moda é um movimento de identidade, de resistência das pessoas negras, é uma forma de valorização da sua estética, é uma forma de retomar essa questão da estética negra e dos seus elementos identificados como sendo algo positivo, certo? E hoje a gente tem esse movimento da moda afro no Brasil como forma de identidade, de valorização e reconhecimento de uma cultura, de um povo, de uma estética. As mulheres assumem os seus blacks, as suas roupas, o seu estilo de roupa, a sua forma de vestir, os seus traços, a valorização dos lábios grossos, os brincos de argola, alguns elementos que a gente incorpora, as mulheres incorporam nas indumentárias do candomblé, certo? E a moda afro vai trabalhar esse elemento do black power, do pente, enfim, como forma de colocar a cultura afro à frente e sendo uma identidade do nosso povo. Só alguns exemplos também, a loja de moda afro, a Negrife, em Salvador, e a Ateliê Xongani, que

são pessoas, mulheres que se tornaram vendedoras, porque sentiram no mercado uma ausência desse tipo de trabalho, de vestimenta, de indumentária para si mesma, para o seu público. E usam isso, utilizaram esses trabalhos delas pra reafirmação da negritude.

E na academia, eu trouxe também alguns exemplos, porque o colega falou do Nêgo Bispo, a palestra que ele faz na USP, ele já chega batendo na mesa assim: aqui é o ninho do colonialismo. Porque a academia é isso, a academia é dita, conceitos e epistemologias, e todos os outros têm que absorver o que é. E aí é muito engraçado que ele chega, e aquela pessoa que sofreu a discriminação de não ser acadêmico, ele diz não tenho lattes, mas tenho trajetória, vai lá na USP e diz, aqui é o ninho do colonialismo, se a gente tá discutindo colonialismo, tem que começar por aqui.

A Elizabeth Tunstall, que foi reitora em uma universidade de Arte e Design no Canadá, ressalta essa importância de se contratar, de se ter pessoas de outros corpos, pessoas negras, pessoas indígenas, como professores. A partir desse ponto, a gente vai ter realmente uma mudança de pensamento na forma de fazer design. Trazendo outras formas de pensar, outras formas de conhecer, outras formas de discutir mundo com outros corpos que não os eurocêntricos. A importância, e ela aponta que ela conseguiu fazer, saiu da reitoria, ela conseguiu colocar 11 professores de etnias diferentes dentro da universidade para se contrapor a esse discurso eugenista, hegemônico-eurocêntrico. Isso é uma batalha que a gente também faz aqui no Brasil. Essa discussão de quantos professores negros você tem. Quantos professores negros vocês já tiveram, quantos professores negros na vida de vocês? E aí, assim, não só no ensino básico, fundamental eu digo, mas e na faculdade?

Quantos professores negros vocês tiveram? É pensar. E quantos trazem algumas discussões, se posicionam e têm essa empatia com o aluno que é negro que está ali sentado? Vendo a sua pessoa, certo? A Elizabeth Tunstall também enfatiza que é crucial incluir essas perspectivas diversas e experiências sub representadas, pois só assim se pode desafiar as estruturas coloniais que ainda existem. A partir dessas discussões que a gente traz, que a gente coloca trazendo corpos diferentes é que a gente repensa, coloca no centro as estruturas colonialistas e o pensamento colonial, que é isso que o Nêgo

Bispo fala. A gente está falando, mas é muito legal falar mal do colonialismo dentro do próprio...

[fogo no parquinho!]

Para isso que a gente tem que... A gente usa o Instagram e fala mal do dono do Instagram. E por aí vai.

A Horrana Porfírio, que foi aluna da USP, desenvolveu o projeto “Cadê os pretos no design?”, que questiona isso. Cadê as pessoas, os designers negros, as referências? A gente conhece... Quem a gente... Quando a gente vai citar um designer conhecido, a gente cita pessoas negras, designers negros, quantos a gente conhece, certo? Quantos a gente traz? E a gente tem ideia de quantas pessoas negras já se formaram?

Na minha pesquisa, eu fiz essa pergunta para os coordenadores dos cursos de pós-graduação. Porque não se faz nem esse quantitativo, não se tem essa preocupação de fazer esse quantitativo de quantas pessoas entram, muito menos de quantas pessoas conseguem se formar? E quantas dessas pessoas são mulheres negras? Gente, quase ninguém respondeu. Mandei e-mail para todos os cursos, mandei e-mail para as secretarias, para os e-mails dos coordenadores, e quase ninguém respondeu.

Estou antecipando aqui alguma coisa na minha pesquisa, que ainda não foi. Mas é isso. Quase ninguém respondeu.

[E teve... Spoiler. É, spoiler. E o... Teve um ainda, não vou falar o... né? Não vou citar. Não vou citar. Mas teve um que disse assim, não, a gente não tem. Porque]

Eu também perguntei se tem políticas públicas de acolhimento para essas mulheres, tal, tal, tal. Hoje nós temos uma mãe aqui, no mestrado, e aí a Joyce (administradora do campus Esdi) e a Zoy (Anastassakis, diretora da Esdi) fizeram a maior mobilização para melhor colocar... instalar, né? Porque a Mayra vem com a nem só toda vez, instalá-la aqui. E aí essa pessoa respondeu, a gente não tem essa política, não tem política de acolhimento. Mas tem um grupo que faz não sei o que para PCD, para não sei o que, para não sei o que, para não sei o que. Só me disse assim um relatório que a faculdade faz, mas só para dizer que não, para pessoas negras não tem. [É particular? Não.] Então, assim, a gente tem isso, tá discutindo isso para PCD, para idoso,

para não sei o que, mas pra pessoa negra... Então, assim, eu digo assim, gente, ele não precisava nem ter me justificado, né? Eu achei engraçado ele querer justificar o que ele não faz dizendo o que ele faz, como se não fosse também o mínimo ele fazer para essas pessoas, né? Mas, enfim. Vai estar no meu trabalho. Leiam.

E a plataforma PretaLab, que surgiu em 2017, com a Silvana Bahia, que era um grande levantamento para ver essa questão da ausência de mulheres negras na área de tecnologia, e hoje passou a ser uma plataforma de qualificação, de cadastro de mulheres negras que trabalham na área de tecnologia e design, e aí trabalha com qualificação também de mulheres negras para essa área de tecnologia.

E, eu concluo pessoas, falando do design, que o design frequentemente exclui saberes não ocidentais, reforçou estruturas de poder, marginaliza mulheres negras, é isso, é por isso que eu coloco. O design se baseou nessa estrutura, marginaliza conhecimentos, marginaliza epistemologias que não adotam, que não são centrais, que não são voltadas para a Europa e os Estados Unidos, é isso.

E, cabe esses esforços que a gente faz, mulheres negras e outros grupos também fazem, para trazer essa discussão para o centro, como corpo e resistência, cabelos crespos, turbantes, estamparias, são formas de resistir à estética eurocentrada, certo? E o design como prática coletiva, a luta por um design verdadeiramente plural é uma luta política, não dá para a gente fugir. Eu estava conversando com uns colegas que hoje, meus colegas da UEMG em Minas Gerais estão na Assembleia lutando contra o pior governador do Brasil, que quer desmonte, Zema colocou a Universidade do Estado de Minas Gerais como pagamento da dívida do Estado para o governo federal.

[Mas já tem um tempo que a gente está assim discutindo quem é o pior? É, não! A disputa está acirrada. Mas fez filhote, né, gente? E aí, é isso, né? Mercados para Zema, Castro e Tarcísio também, educação é mercadoria, é algo que você pode leiloar, é algo que você pode... Ah, vamos discutir aqui uma dívida, né? Jogo do tigrinho e te dou, o quê? Uma universidade. Sendo que o serviço da universidade é gerar conhecimento, a discussão e Zema nunca escondeu que odeia funcionários públicos, né? Ele acha,

realmente, que só tem o pessoal dançando nu, deve ser, cabeça da criatura. Quem dera? Ele ganhou ajuda com a ajuda de muitos colegas meus.]

E aí, assim, essa luta foi existir, e aí eu só coloquei aqui porque eu quero dizer aqui que a luta por universidade é uma luta, universidade pública, que aí o colega falou, é política, a luta por um design verdadeiramente inclusivo é uma luta política, a gente não tem como fugir disso, certo? E incluir mulheres negras não é só sobre diversidade, a gente estava discutindo isso, a gente discute isso. É usar o termo, identitário, não é isso, não tem nada mais identitário do que o homem branco, heterossexual, cristão, certo? Que pauta todas essas leis em benefício próprio, não tem nada mais identitário que isso. Luta pela inclusão de mulheres negras, de pessoas LGBTQIAPN+, e PCDs, enfim, é uma luta por sobrevivência, é aquele número que eu mostrei ali no começo. Se a gente não lutar por isso, olha o alarmante que é o número de mortes dessas pessoas no Brasil, certo? Então, assim, não é uma luta por identidade, é uma luta por justiça social, por desconstrução da lógica eurocêntrica, desse design moderno. O design moderno, a Tunstall fala que falhou porque não inclui as pessoas, mas eu digo que era essa proposta mesmo, ser excludente, certo? E trazer uma luta que confluía com espaços que a gente realmente tem a liberdade de falar. Eu tenho muito problema com esses tipos de falas aqui. Eu digo, eu não dou aula neutra, não adianta. Posso não falar nomes, mas todo mundo sabe de quem eu tô falando mal. Em 2022 eu me superei. E aí a minha fala não consegue ser nesse sentido de que teremos algo melhor se a gente não sair pra luta realmente. É isso, liberdade é uma luta constante.

## Referências

ÁFRICA ARTE. África Arte Moda Afro-brasileira, 2022. Disponível em: <https://www.africaarte.com.br/>. Acesso em: 05 março 2022.

Agência IBGE Notícias. Estatísticas de Gênero: Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. Editoria: Estatísticas Sociais | Umberlândia Cabral. 08/03/2024 10h00 |Atualizado em 08/03/2024 15h19. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

[noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza](https://noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza). Acessado em: 08/03/2025.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: FBSP, 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>. Acessado em: 08/03/2025.

ATELIÊ XONGANI. Ateliê Xongani Moda Afro-brasileira, 2022. Disponível em: <https://www.xongani.com/shop?page=3>. Acesso em: 05 março 2022.

BAHIA, S. Diversidade: caminho para promover justiça social e nas tecnologias não será diferente. In: Meio&Mensagem, 2023. Disponível em: <https://www.proxxima.com.br/proxxima/arquivo/noticias/diversidade-caminho-para-promover-justica-social-e-nas-tecnologias-nao-sera-diferente>).

CARNEIRO, S. Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar. 1ª edição, 2023.

CARNEIRO, S. Escritos de uma vida. São Paulo: Letramento, 2018.

Gestão Kairós. Diversidade, Representatividade e Percepção. Censo Multissetorial da Gestão Kairós, 2022. Disponível em: <https://gestaokairos.com.br/publicacoes/diversidade-representatividade-e-percepcao-censo-multissetorial-da-gestao-kairos-2/>. Acesso em 01/12/2023.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Org.) Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos. Editora Schwarcz S. A., p. 224, 2020.

NEGRIF. Negrif Moda Afro-brasileira, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/madanegrif/>. Acesso em: 05 março 2022.

PORFIRIO, H. A história do Cadê os Pretos no Design. Disponível em: <https://medium.com/@honporfirio/a-hist%C3%B3ria-do-cad%C3%A3os-pretos-no-design-4213c484ba1f>. Acesso em: 10/12/2023.

SANTOS, A. P. M. T.; SANTOS, M. R. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. In: DOBRAS. Volume 11. Número 23. Maio, 2018. Disponível em: <https://dabras.emnuvens.com.br/dabras>. Acesso em: 10/10/2021. e-ISSN 2358-0003.